

Resenha

Ludwik Fleck: Estilos de pensamento em ciência

Daniel Louzada da Silva
Universidade de Brasília

CONDÉ, Mauro Lúcio Leitão (Org.). *Ludwik Fleck: estilos de pensamento na ciência*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2012. ISBN 978-85-8054-064-2

Ludwik Fleck (1896-1961) publicou em 1935 a monografia *Gênese e Desenvolvimento de um Fato Científico* (*Entstehung und Entwicklung einer wissenschaftlichen Tatsache*). O livro permaneceu desconhecido até Thomas Kuhn citá-lo no prefácio de *A estrutura das revoluções científicas*, de 1962, reconhecendo que parte das ideias que desenvolveria ali havia sido antecipada por Fleck. Mesmo com a repercussão imediata e positiva do livro de Kuhn, a trajetória desta obra continuou obscura por mais de duas décadas e meia: só seria traduzido para o inglês (*Genesis na Development of a Scientific Fact*) em 1979 e só receberia uma nova edição alemã no ano seguinte. Já a primeira tradução para o português só viria em 2010, em trabalho de Georg Otte e Mariana Camilo de Oliveira, com revisão técnica de Mauro Lucio Leitão Condé. O mesmo Mauro Condé organizou a primeira publicação brasileira que discute o pensamento de Fleck, reunindo em sete capítulos desde uma abordagem histórica da vida e obra do autor, até diálogos entre sua obra e o pensamento de Mannheim, Wittgenstein e Walter Benjamin. O livro é uma coletânea de textos sobre Fleck que reúne traduções de artigos e textos originais em português, permitindo ao leitor uma visão ampla de sua obra.

Fleck é um bom exemplo de sobrevivência em períodos de grande conturbação. Médico judeu, nasceu em território polonês que foi invadido durante a Segunda Guerra Mundial, inicialmente pela União Soviética, depois pela Alemanha, e que hoje pertence à Ucrânia. Graças ao seu trabalho no desenvolvimento de vacinas contra o tifo, Fleck conseguiu sobreviver à guerra em campos de concentração nazistas e salvar a sua esposa e o seu filho. Retomou a carreira acadêmica com o final do conflito e mudou-se para Israel em 1956, morrendo em 1961, um ano antes da publicação de *A estrutura das revoluções científicas*. A sobrevivência de suas ideias sobre como se dá o progresso da ciência é tão notável quanto a sua sobrevivência à guerra. Ausente de todas as grandes discussões filosóficas do século XX, o pensamento de Fleck vem aos poucos ocupando espaços que lhes são devidos. É exatamente essa a proposição do trabalho organizado por Condé:

permitir ao leitor brasileiro vislumbrar algumas possibilidades de entendimento da ciência que, de outra maneira, sem o aporte do pensamento de Fleck, não seriam possíveis.

O primeiro capítulo, “Fleck em seu tempo, Fleck em nosso tempo: gênese e desenvolvimento de um pensamento” é a tradução feita por Condé de um artigo original de Ilana Löwy, uma historiadora da medicina que desde os anos 1980 se dedica a divulgar as ideias de Fleck. Em dois momentos, já no início do artigo, Löwy se propõe a responder se o livro de Fleck teria saído “do nada” e a detalhar o que chama de dupla marginalidade do autor. Ganha destaque a inevitável relação de Fleck com Kuhn, em particular a ideia original de que um fato científico seria resultado de uma construção, presente no título de *Gênese e desenvolvimento*, que atraiu o filósofo estadunidense para a sua leitura. Löwy apresenta uma breve biografia de Fleck e nos oferece um quadro amplo que caracteriza a escola polonesa de filosofia da medicina no período entre as duas grandes guerras, as suas relações com outras escolas de pensamento, e como essa escola poderia ter influenciado o autor. Destaca o entendimento de Fleck de que os pesquisadores não estão isolados do mundo exterior e são afetados por fatores de fora do mundo científico. Sustenta que quando Fleck escreveu sua monografia, em 1935, em que aborda o desenvolvimento do conceito de sífilis desenvolvido por August Wassermann (1866-1925), “a ligação entre a reação de Wassermann e a sífilis era um fato científico estável, repetidamente confirmado”, e que um diagnóstico positivo “significava o fantasma do sofrimento e da morte prematura do paciente, seu cônjuge e filhos.” A autora discute ainda que, ao tomar os procedimentos propostos por Wassermann para o diagnóstico da sífilis, Fleck não poderia prever o quanto este caso tinha de exemplar para ilustrar as relações complexas entre “ciência, expertise, política e direito”, e reafirma Kuhn ao reconhecer o quanto as contribuições de seu trabalho seguem inexploradas ainda hoje.

O segundo capítulo, “Ludwik Fleck – Sua Vida e Obra” também é uma tradução, desta vez de artigo de Johannes Gehr feita por Deborah Gomes. O capítulo começa com a citação da frase com a qual Fleck se apresentou em 1946 ao começar a lecionar na Faculdade de Medicina de Lublin, na Polônia: “Eu sou Ludwik Fleck, um judeu, um microbiologista.” É a partir desses atributos de identidade pessoal declarada pelo autor que o capítulo se desenvolve, visitando, já de início, o próprio prédio da Faculdade de Medicina como uma espécie de guardião histórico das modificações pelas quais passaram a sua cidade, a medicina e os judeus. Gehr faz um esforço para preencher as lacunas da vida pessoal de Fleck durante a guerra e o que significou viver e trabalhar na condição de prisioneiro em campos de concentração. Em seguida, Gehr tenta explicar o pensamento teórico de Fleck, que emerge como um pesquisador radical, de atitude positiva diante de diferentes

estilos de pensamento e com posicionamento político.

“Mannheim, Fleck e a compreensão do mundo”, de Carlos Alvarez Maia é o terceiro capítulo deste livro. Foi escrito originalmente para esta coletânea e trabalha “uma possibilidade de desenvolvimento para o estilo de pensamento do qual Fleck é o mais acabado representante”, ao mesmo tempo em que tenta entender porque esse estilo não repercutiu nos ambientes por onde circulou, ao ser proposto em 1935. Maia descreve em que circunstâncias Mannheim forja o conceito de estilo de pensamento, o impacto do surgimento da sociologia do pensamento e o refluxo dessa ideia, ao mesmo tempo em que este autor se refugiava em Londres fugindo dos nazistas, em 1933. A discussão sobre a relevância da história do conhecimento, equiparado por Fleck ao próprio conhecimento, ocupa grande parte desse capítulo, em que o eixo central é a disputa sobre qual é a compreensão dos dois autores sobre Sociedade e Natureza.

É do próprio Mauro Condé o quarto capítulo, “Ciência e Linguagem: Ludwik Fleck e Ludwik Wittgenstein”, em que o autor se propõe a discutir o papel da linguagem na construção do pensamento científico. A relevância epistemológica do trabalho de Fleck é apresentada como a responsável pela não confirmação da vocação ao anonimato de sua teoria da ciência. O autor encontra convergências e complementaridades entre estilo de pensamento e gramática e, como no capítulo anterior, e no seguinte, estão presentes referências a Thomas Kuhn, desta vez para destacar que foi ele que pela primeira vez colocou Fleck e Wittgenstein em um mesmo livro, ainda que sem correlacioná-los. Condé destaca que outras comparações entre os dois autores já haviam sido tentadas. Um autor que fez isso foi David Bloom, que, sem enxergar em Fleck um importante teórico da ciência, reconhece convergência entre os dois Ludwiks, para quem a linguagem e a ciência não estariam “completas”. Condé parte em sua busca por pontos comuns entre os dois autores “da ideia de reação ao neopositivismo e de afirmação dos aspectos sociais”, e explora as tensões entre a natureza social do conhecimento e a linguagem como fator estruturador do social, para identificar elementos complementares entre os dois.

O quinto capítulo traz a terceira articulação do pensamento de Fleck com outro autor, dessa vez um breve texto de Georg Otte, “Fato e pensamento em Ludwik Fleck e Walter Benjamin”. O autor reconhece que examinar a contribuição dos dois pensadores exigiria “uma elaboração mais detalhada” do que aquela que apresenta, o que é verdade, e não deixa de ser frustrante para o leitor. Otte situa os dois autores como parte de um mesmo coletivo de pensamento, mas atribui a Benjamin uma visão mais crítica sobre a continuidade de suas teses.

É interessante notar que as três abordagens que relacionam o pensamento de Fleck com outros autores têm em comum a referência, maior ou menor, às

relações entre os estilos de pensamento e as revoluções científicas presentes na obra de Kuhn. Essa condição de Fleck como inspirador do pensamento de Kuhn, e a colocação de Kuhn como divulgador da obra de Fleck nos meios acadêmicos, são motivos de contínua abordagem por textos diversos, e aparecem ao longo do livro como fruto da expressão de diferentes autores de seus capítulos, ao tratarem das articulações entre Fleck e pensadores também diferentes.

Bernardo Jefferson de Oliveira escreve o sexto capítulo: “Os circuitos de Fleck e a questão da popularização da ciência”. Oliveira informa ao leitor que, em trabalho de 2003, quando se dedicou “a explorar as relações entre o imaginário científico e a história da educação”, tomou Kuhn “como referência para discutir o papel da educação a história da ciência”, e informa em nota que só posteriormente, a partir de diálogo com Mauro Condé, se deu conta do “quanto a obra de Fleck havia avançado sobre essa questão.” Este é, portanto, mais um autor que conversa com Kuhn para dialogar com Fleck. Dois aspectos se destacam no texto e são tratados em itens específicos, o tráfego intracoletivo de pensamentos e a circulação e popularização do conhecimento científico. Neste último, Oliveira visita de forma muito breve “o debate sobre a relativa autonomia dos educadores e autores de livros didáticos em relação à comunidade científica”, articulação que envolve temas como transposição didática e construção do conhecimento”, de resto, uma discussão central, mas pouco explorada aqui.

Por último, o capítulo sete é mais uma tradução de Condé, desta vez para o artigo de Martina Schlünder: “Escrever a história para ver e aprender a perguntar: a indefinição produtiva da epistemologia de Ludwik Fleck e a história da medicina reprodutiva (um esboço)”. A autora vai além da crítica a aspectos da teoria de Fleck, mas aponta para a contradição daqueles que lidam com a sua epistemologia e têm pouco conhecimento sobre a sua vida. Neste ponto, sugere, ainda que cuidadosamente, para a condição de Fleck em campos de concentração durante a guerra e busca em Hannah Arendt a descrição dos “campos de concentração como espaços de experimentação, em que era necessário provar que tudo é possível.” Para Schlünder, Fleck é, pessoalmente, “um exemplo da indiferença e da simultaneidade da pesquisa científica diante à aniquilação: ele foi tanto vítima de experimentos assassinos quanto pesquisador sob condições mórbidas.”

O livro organizado por Mauro Condé apresenta-se como uma importante contribuição para a discussão sobre a obra de Fleck, e merece vir como leitura imediata após “Gênese e Desenvolvimento de um fato Científico”.

Recebido em dezembro de 2013
Aprovado em dezembro de 2013

Daniel Louzada da Silva é mestre em Desenvolvimento Sustentável, doutorando em Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília e professor licenciado da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal. E-mail: daniellouzada@uol.com.br
